

# MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

*Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.*

## Um território sagrado debaixo da água

História de [Simão Oco'y](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 12/08/2021

---

Projeto: Indígenas Pela Terra e Vida  
Depoimento de Simão Oco'y  
Entrevistado por Jonas Samaúma e Idjahure Kadiwel  
Local: entrevista concedida pelo Zoom  
Data: 14 de junho de 2021  
Realização: Museu da Pessoa  
Código da entrevista: ARMIND\_HV001  
Transcrito por Selma Paiva

(00:01) P1 – Qual é a primeira coisa que você lembra na sua vida? Qual é a sua memória mais antiga, assim, de criança? O que é a primeira coisa que você lembra?

R1 – Tem que começar de setenta e poucos anos pra cá ou pra lá, como é que é? Ou a saída \_\_\_\_\_ (00:23)?

(00:23) P1 – A primeira coisa que você lembra, assim? A coisa mais antiga, quando você nasceu, a coisa mais velha que você lembra, qual a primeira lembrança que você tem?

R1 – Na verdade, assim: sempre minha história conto até na minha casa, até com a minha família, porque hoje em dia é difícil nossos jovens ensinarem como antigamente: sentar na varanda \_\_\_\_\_ (00:50) chimarrão. Os antigos eram assim. Todos parentes, netos, filhos, juntava pra contar história, como aconteceu, o que lembrou, o que viu, o que não viu e hoje é só em papel. Tudo em papel. Se a gente contar e colocar no papel, até mentira o povo não indígena pode acreditar. Por isso sempre eu falei pro meu filho, eu tenho oito filhos, quatro mulheres e quatro homens e sempre eu falei assim: “Você tem que se aproximar pra poder aprender na mesma convivência, desde a criança até agora, como é que sofreram, como a gente comia a nossa comida daquela época, nossa convivência daquela época. Quando eu lembrei, porque a idade de quatro anos, por exemplo, eu tenho agora o meu filhinho Dener, completou anteontem quatro aninhos, ele já lembrou tudo, quase. O que eles viram anteontem, hoje, por exemplo, ele lembrou: “Mãe, ontem eu vi esse tipo aí, aconteceu assim”. Nunca esqueceu. E eu, assim, da minha infância, quando eu comecei a lembrar bem mesmo, a idade de seis aninhos, por aí, já começo a lembrar tudo. As crianças já têm aquela memória. Então, idade de cinco a seis anos, quando eu tinha, tinha bastante mato ainda, bastante mato, sem movimento de juruá, trilha. Até agora, \_\_\_\_\_ (02:58) também era tudo mato. Milagre se você achar carona, formidável. Só anda a cavalo, carroça, assim, de boi. Se a gente não comentar dessa parte, começando a lembrar do passado, idade de seis a sete anos, por exemplo: \_\_\_\_\_ (03:24) depois de 11 anos, 11 pra 12 anos e por aí já tem mais outra visão. Não é como a idade de seis, a sete, a nove anos. Já vem mudando a coisa. E desde que eu entendi alguma coisa ou lembrar alguma coisa, a idade de cinco a seis anos. Naquela época não tem nada, ainda, lá perto, não tem nada da comida que a gente come hoje, nem mercado. A gente não conhecia mercado. Quando a gente morava ali perto do Rio Paraná, a antiga nossa aldeia, nós morávamos isolados, a gente nem chegava perto do \_\_\_\_\_ (04:21). E mercado a gente não tem conhecimento o que tem lá dentro. Você está me perguntando que ano que eu lembrei? Então, idade de seis aninhos, por aí, eu lembrei, já. Porque aqui é fronteira, onde nós estamos vivendo, tríplice fronteira, faz a divisa do Rio Paraná e com o Rio Iguaçu. Então, a gente tem \_\_\_\_\_ (04:53) vem visitando parentes naquela época sem fronteira, vamos dizer, até hoje, só que juruá vai dizendo que aqui é Brasil, aqui é o Paraguai, aqui é a Argentina. Pra nós não tem fronteira. E a gente se visitava, minha mãe, meu pai, tudo família que vieram pro Brasil, no Brasil ficamos um tempo e daí ia de novo pro Paraguai, do Paraguai a gente ficou morando um tempo pra lá, daí voltava de novo, essa é a nossa caminhada. O que você me perguntou é muito difícil a gente lembrar. Muita tristeza, muita tristeza. Muito triste porque, a gente lembrando daquela época, começa a lembrar do vô, vovô e da mãe e começa a lembrar do tio e já começa a chorar. Não tem, assim, como comentar muito, por isso a gente, comentando devagar, com duas horinhas, a gente não vai comentar nada.

(06:09) P1 – Não e era isso que eu queria pedir pra você falar um pouquinho, na verdade, do que você lembra do seu vô, do seu pai, da sua mãe. Como era a vida com eles? O que você sabe da história deles?

R1 – É verdade. Por isso que eu falei: uma vida muito tranquila. Não tem, como hoje, um risco de nada: atropelamento, suicídio, alguma coisa, porque a gente está vivendo no mato e até, inclusive, meu parente pode confirmar comigo ou ele não tem sabedoria ainda. Hoje em dia o povo indígena de Uruá começa a fechar igual um passarinho na gaiola. Ajunta tudo ali. Pode ser guarani, pode ser \_\_\_\_\_ (07:02), pode ser Kaingang, pode ser outra tribo no mesmo lugar e a época da nossa infância, a família que estava. Por exemplo: ali eu já tenho três genros, já tenho que criar outra aldeia, tem que retirar a minha família, criar outra aldeia e hoje não tem como pra fazer isso. E assim era o pai, a mãe, o vô, tio, parentes todos, caminhavam tudo juntos. No começo a gente foi, eu, pelo menos, \_\_\_\_\_ (07:40) lembrar daquela época, já começa... fiquei emocionado, porque eu sei que meu vô já não vive mais e minha mãe estava viva ainda, só que está longe, em São Paulo e todos os meus parentes, que viviam tudo junto, já faleceu tudo e começa aquele choque, quando a gente começa a lembrar.

(08:08) P1 – Sim. Sobre o seu vô mesmo, o que você lembra dele? Você falou dele...

R1 – Caçava, tirava mel, plantava, tudo comida saudável. É isso. Nos criava pela comida do mato, nativa.

(08:40) P1 – Vocês comiam o que, assim?

R1 – Olha, (risos) isso que sempre, alguma vez... me desculpe que vou... uma pergunta que... entrevista é assim: pergunta tudo, pra poder deixar resultado, só que não pergunta absurdo. Eu digo: sabe, o indígena, quando está no mato, come carne do bicho; mel como açúcar, a gente usa como açúcar; comida não é como o branco diz: “O indígena é um selvagem. Não tem cabeça, não tem sabedoria”. Claro que a gente que escolhe qual comida que a gente tem que comer, o que a gente não pode comer e a comida nativa, do mato mesmo, carne. Por isso que a gente precisa de espaço grande, pra gente tirar de novo a nossa comida antigamente. Até, inclusive, eu estou pensando uma aldeia com mata, pra poder fazer pesquisa própria, a família fazer pesquisa: como é o rastro do bicho, como é a trilha do bicho, o que a arara... aqui, pelo menos, na nossa aldeia, não tem mais o que mostrar. Aqui, pelo menos, se a gente vai dizer que nós vamos perder nossa cultura, nós vamos perder, porque aqui não existe mais mata, aqui no Paraná. E antigamente nós tínhamos tudo: remédio no mato, eu aprendi vários remédios. Até, inclusive, pra combater vírus, que veio agora dizendo que não tem cura. Graças a Deus Nhanderú me deu essa sabedoria, combater a doença do médico. Só a gente estamos respeitando, porque vem assim: “Tem que usar máscara, tem que fazer \_\_\_\_\_ (10:59), não se aproxima muito”. Isso a gente respeita, mas \_\_\_\_\_ (11:03) esse vírus aqui na nossa aldeia, a gente controlou com esse chá. Antigamente a gente quase não tinha esses pânico, sustos. Está muito tranquilo. E a comida nossa é da roça: arroz, feijão, batata, mandioca, o que tiver na roça, banana, o que tiver ali. Come tudo, ainda saudável.

(11:46) P1 - Jaguri, pergunta um pouquinho.

(11:50) P2 – Simão, você estava falando assim que, na sua infância, você sentia que não tinha fronteira entre Paraguai, Brasil, na sua comunidade, assim. Quando você sentiu, começou a sentir, que vocês estavam virando passarinho dentro da gaiola, que você falou? Você tem uma lembrança de quando você era pequeno e começou a ter uma outra visão do território, do espaço?

R1 – Até 11 anos a gente viveu livremente ainda. Eu mesmo fui registrado depois que eu tinha vinte anos. Pouco tempo eu fui registrado. Porque a gente não sabe o que é documento, por isso que eu falei: não tenho esse tipo de conhecimento, o que era fronteira. Aí, depois do fechamento do Paranazão, pela Itaipu, hidrelétrica, que eu conheci onde tinha esse problema aí. Nós fomos levados por engano, em 1978, pela Funai pra, naquela época, Laranjeira do Sul, não existia ainda Nova Laranjeira. Então, fomos levados lá e ali que eu conheci cacique, tenente. A gente nunca conheceu esse tipo de político. A gente está respeitando. O nosso cacique mesmo eram os xamãs, rezadores que vivem \_\_\_\_\_ (13:52).

Esses, quando falam: “Vamos nos juntar, fazer isso, fazer \_\_\_\_\_ (13:57) e já chegou \_\_\_\_\_ (14:00), precisa fazer essa cerimônia”. Então, eles que comandam, os xamãs rezadores. Não é como hoje: “Cacique não veio ainda, saiu”. Depois que eu fui pra lá que eu conheci esse tipo de liderança, vamos dizer assim. Até \_\_\_\_\_ (14:23) também foi liderança, mas não estou pensando em massacrar parente. Fui atrás por causa de uma necessidade, mesmo.

(14:38) P2 – Simão, o que você quer dizer, assim: quando vocês foram levados por engano? Como assim ‘levados por engano’? O que aconteceu, em 1978?

R1 – Na verdade, é assim: em 1978 já veio a construção da hidrelétrica. Já tem previsão, todos os colonos, tanto indígenas ou animaizinhos que estiverem por aí têm que ser pegos e levados pra cativo e, se for indígena, tem que levar pra outra aldeia ou pro Paraguai. Então, veio nosso parente, que se chama Valdomiro, cacique Valdomiro, junto com \_\_\_\_\_ (15:30), naquela época se chamava chefe do posto e veio parente guarani e parente Kaingang. Cacique Valdomiro e o cacique Miro, dizendo pra nós, pra minha família, pro meu pai, pra minha mãe, até pro Fernando Martins, que tem festa indígena gratuita, não vai pagar nada, carne à vontade, bebida, baile, não precisa pagar entrada, pode se divertir à vontade. Inclusive foi levado dia 17 de abril, nós amanhecemos dia 18, véspera de Dia dos Índios e a gente pensava que ia trazer de novo de volta pra casa e já nos levaram e deixaram lá na outra aldeia. Aí nos enganou, pra tirar da aldeia. Tem outro que fica, tomou coragem e fomos e outro pro Paraguai, outro pra Argentina, outros que foram pra São Paulo, várias famílias se espalharam e foi assim que aconteceu.

(17:00) P1 – Mas Simão, já tinham falado de Itaipu pra vocês ou foi nesse dia que vocês souberam? Como sua comunidade ficou sabendo dessa coisa da usina de Itaipu? Foi esse dia ou antes vocês já sabiam, já tinham tentado negociar?

R1 – Eu, naquela época, não tenho nem ideia. Tem outro que já sabia, mas eu, quando sou garoto ainda, não tenho nem ideia do que vai acontecer. Quando saí na família, minha mãe, toda a família também, a criança, o jeito da criança, tem que ir com a mãe, com parente. Daí fomos.

(18:04) P1 – E aí, o que você lembra desse dia que vocês foram pra esse lugar, que falaram que era uma festa, vocês chegaram lá e não era uma festa, era pra pegar a terra? Como é que foi pra você chegar lá? O que você lembra desse dia?

R1 – A festa, na verdade, é assim: Dia dos Índios é dia 19 de abril, só que foi levado por engano. Em vez de levar de novo de volta pra nossa aldeia, levar só pra tirar da aldeia antiga, mesmo, né? Levaram pra outra aldeia.

(18:46) P1 – E pra qual aldeia vocês foram?

R1 – Rio das Cobras.

(18:55) P2 – Então, Simão, o chefe do posto, Valdomiro, falou que ia ter uma festa gratuita e, na verdade, não era isso?

R1 – Era festa, mesmo, só que nos levaram e não trouxeram mais pra casa.

(19:18) P2 – E aí vocês foram morar onde? Você foi com sua família e todo mundo ficou nesse outro lugar?

R1 – Ficamos nessa aldeia Rio das Cobras e daí eu acabei - não gostei lá, porque lá não é nosso lugar, cada uma, na sua região, se acostuma - voltando. Eu, pelo menos, voltei, só que eu voltei a pé. De Nova Laranjeira, até São Miguel do Iguazu, eu voltei a pé, caminhando.

(20:08) P2 – Ele era chefe do posto da Funai e ele juntou outros povos lá, tinha povo Kaingang também?

R1 – É. Na verdade, essa aldeia é do Kaingang, só que o indígena guarani também mora ali, dividindo o pedaço da terra, pra viver parente guarani também, junto, na mesma aldeia, só que tem uma divisa pra guarani mesmo. Aí tem a comunidade guarani, cacique guarani. Quem

comanda tudo é o central, como diz, posto indígena, ali \_\_\_\_\_ (20:52) cacique geral. Até agora funciona assim.

(21:02) P1 – E aí você falou que você voltou andando pra outra terra. E como é que foi isso? Você era criança? Você voltou sozinho? Como é que foi voltar andando? Como é que foi chegar? Como é que estava a aldeia, quando você voltou?

R1 – Eu voltei depois de 14 anos de idade. Na verdade, assim: eu acabei decidindo, lá eu não gostei do lugar, a região mesmo não gostei, muita serra, muito frio e não tem onde se virar, uma aldeia grande, só que a gente não se acostuma. Eu, pelo menos, não me acostumei. Daí um dia eu falei pra minha mãe: “Eu vou voltar de novo”. Eu não sabia que eu estava no Paraná, eu falei assim: “Eu vou voltar de novo pro Paraná”. Não é imediatamente que eu estou voltando. Eu fiquei trabalhando um pouquinho ali na sede da missão e um dia, não me lembro a data, mas eu sei que eu voltei de lá a pé. Eu fiz um pouquinho de alguma coisinha pra eu trazer: uma latinha pra carregar água, panelinha pequenininha pra poder cozinhar alguma coisinha e viemos. Aí pensei pra voltar, mesmo. Daí eu cheguei aqui depois de 15 dias a pé. Não é que caminhava, assim, direto. Vê que está meio escurecendo, o sol já está caindo, \_\_\_\_\_ (23:09) acaba se encostando na beira da estrada ou na casa do colono, pedia um favorzinho, pra eu dormir ali, comentei pra onde que eu estou indo. Não é que a gente continuando, pegando um tipo de perigo, assim. Vem o dia, sai de novo caminhando, catando fruta da beira da estrada, caminhando e fui embora.

(23:42) P2 – Nessa caminhada você estava sozinho? Você estava voltando junto? Sozinho?

R1 – Sozinho.

(23:51) P2 – A sua família ficou lá na aldeia, no posto e você voltou pra aldeia de onde vocês tinham saído?

R1 – Sim. Quando a gente voltou pra cá, a água já estava tudo cheio. Não tem mais pra onde escapar. Aí eu perguntei onde foi criada uma nova aldeia e ninguém sabe o que é aldeia, tem que dizer assim: “Onde mora a bugrada?” Aí ele entende. (risos) “Você não sabe onde mora bugre?” Aí ele entende, mas quando a gente fala aldeia indígena, ninguém sabe o que é indígena, o que é aldeia. Então, eu perguntei mais ou menos o jeito que ele foi entendendo, daí ele falou: “Ah, você já passou. Tem que voltar de novo, mais ou menos uns vinte quilômetros, trinta quilômetros, pra trás”. Já estava o sol escurecendo de novo, passei sede, aqui na região de São \_\_\_\_\_ (25:03) quase não tem água e eu tive que aguentar uma noite sem comer, frio, sede, mas eu cheguei de novo na nova aldeia que eu fui, atual agora.

(25:27) P2 – Então, quando você voltou, a água tinha enchido por causa da usina de Itaipu? Ela tinha feito a água subir? Sim.

R1 – Sim.

(25:39) P2 – Você não sabia que ia voltar desse jeito, né?

R1 – Não.

(25:50) O que você sentiu, quando você viu esse lugar? Quando você voltou pra sua aldeia e você a viu desse jeito, assim? Água cheia, assim.

R1 – Desesperado, né? Sabendo que nossa estrada existe ainda, mas pedacinho em pedacinho assim, a água já está tudo tomada, coberta. Cheguei e tem que perguntar a alguém onde o indígena mora, pra poder chegar. Graças a Deus, achei a nova aldeia.

(26:45) P1 – Mas aí, Simão, me conta: você chegou, voltou pra aldeia, viu toda aquela água em cima assim, o que você resolveu fazer?

R1 – Estava pensando no que eu falei: quando vê que não tem mais pra onde que eu vou, sabendo que algum parente tem que estar por aqui, perto. Daí eu perguntei, como eu falei: naquela época ninguém sabe, ninguém conhece o que é indígena, o que é aldeia. Tem que perguntar assim, meio com palavras que nem deveria dizer: “Onde mora alguém bugre?” Aí qualquer um pode indicar casa do Paraguai, casa de parente mesmo. Se perguntar onde mora bugrada, aí ele entende. Se perguntar onde mora indígena: “Tem alguma aldeia indígena?” Ninguém sabia naquela época, mas agora todo mundo já sabe o que é aldeia, o que é indígena, o que é nativo. Aquela época tinha que perguntar palavra meio pesada, assim.

(27:57) P1 – Mas aí você perguntou e aí você descobriu? Como é que desenrolou essa história?

R1 – Na verdade, assim: quando eu estava ainda em Laranjeira do Sul, já tinha comentário que a água já tinha levantado e o povo indígena já tinha saído, tem alguma que ficou no lado do Paraguai e nós que fomos levados, vamos dizer, pra Laranjeira do Sul, naquela época, estamos lá com a família e eu decidi de novo pra voltar e alguém já comentou: “Tem nova aldeia?” Naquela época, como eu falei pra você que nova aldeia ninguém sabe o que é aldeia, mas eu já sei o que é. Daí eu tenho que perguntar onde tem o morador do \_\_\_\_\_ (28:55). Daí eu perguntei aqui e naquela época nem era ainda São Miguel. Naquela época era cidade gaúcha. Perguntei onde moram os parentes, ninguém sabe. Daí eu me liguei, até que consegui chegar na casa do Fernando Martins, o primeiro líder do \_\_\_\_\_ (29:18). Daí eu cheguei, comentei quantos dias que gastei pra chegar. Se for de ônibus, é meio dia ou um dia de viagem, mas eu, como criança, adolescente ainda, vim devagar, fui andando, durante 15 dias eu gastei pra chegar.

(29:47) P1 – E aí você ficou na casa dele?

R1 – Na casa do cacique.

(29:54) P1 – Isso.

(29:59) P2 – O Fernando Martins era o cacique?

R1 – Era. O primeiro líder nomeado pelo outro líder não indígena, branco, ouve dizer que juruá sempre se acostuma: “Cadê o cacique? Quem é o cacique?” e estão dizendo: “Não, essa é a liderança, vamos respeitar. Se você é peão, ninguém te respeita? Se for peão, tem que ser capataz”.

(risos) Senão, também não é nada. Então, por essa razão, outra liderança veio nomear o Fernando Martins pra ser cacique, líder político. E graças a Deus eu consegui chegar na casa dos xamãs e bem recebido, ele é nosso conhecido, nosso parente, da mesma aldeia \_\_\_\_\_ (31:09) e graças a Deus cheguei, fiquei o mês inteiro trabalhando junto com ele, daí eu falei: “Vou visitar de novo minha mãe e vou comentar que vou na casa do meu vô, lá no Paraguai”. Aí eu fui avisar minha mãe onde que eu vou agora e já consegui achar a família do Fernando, que é nosso parente, achei, já sei o caminho da aldeia e agora vou continuar, vou procurar meu vô. Eu vou lá no Paraguai. Daí fui de novo. Daí eu voltei, graças a Deus. E esse de cima aqui era o primeiro cacique, Fernando. Esse de cima.

(32:10) P1 – Simão, aí você disse que ficou um tempinho na casa do tiramoi, queria te perguntar o que os tiramois falavam disso tudo que estava acontecendo, da usina. Qual era a percepção, assim, dos mais velhos, sobre isso?

R1 – Na verdade, aqui agora nós estamos era provisório, porque aqui é a reserva dos APP, vamos dizer assim, de Itaipu. Então, Itaipu trouxe aqui essa família provisório, pra poder uma empresa de Itaipu, a direção de Itaipu comprar outra aldeia, pra poder levar pra lugar mais confortável, mais adequado e acaba que até agora nós estamos aqui. Itaipu comprou um pedaço de terra, só que a terra não vale quase nada, tudo pedreira, serra, não tem nem 20% de aproveitamento. A terra é barata e não é utilizada, porque tem muita pedra. Os xamãs disseram que vão lutar. A fala do primeiro funcionário de Itaipu que prometeram comprar mais terras acaba que os xamãs já não conseguem ver mais a luta deles, faleceu antes que ganhou a terra. A gente está continuando. Eu, pelo menos, agora estou bem-preparado pra essa luta. Agora já me preparei, líder social, idade de trinta anos pra cá já comecei estudando essa parte, toda a minha família, meus irmãos, eu, meu filho, pra poder defender nosso direito. Agora estou comentando por cima, pouquinho coisa. Hoje em dia eu não sou estudioso, não sou advogado, não sou nada,

mas pelo menos eu entrei na Comissão da Verdade, pra poder buscar informações dos tiramois, pra poder registrar e mostrar pra nossa liderança e aprovar. E daí nós mandamos pra Ministério da Justiça, ministérios todos, pra poder ser realizada nossa história. Antes de eu morrer, eu queria deixar tudo registrado, porque o indígena antepassado não tem esse registro em papel, nem em fotografia, por isso que o juruá sempre engana. Por qual razão? Quando aparece alguma coisa, ele não tira fotos. Se tirar foto, com certeza vai ficar registrado. E hoje em dia a família nossa, ter sua família, já tem essa tecnologia maquininha, celular, qualquer coisa pode registrar. Eu, aquela época, a gente não tinha. Nossa saída, como nós sofremos, como nós passamos, como nós fomos julgados pelos não indígenas e acaba que não foi registrado. Nossa aldeia não foi registrada, nossas fotos, graças a Deus, tem um \_\_\_\_\_ (36:17) que se chama Jussara, chegou antes da saída do Jacutinga um \_\_\_\_\_ (36:26) com grupinho de liderança e tiraram essa foto. Graças a Deus, por essa razão que eu tenho essa foto aqui. E eu nem sabia que eu vou precisar dessa foto. Um dia eu fiquei de liderança \_\_\_\_\_ (36:44), aí eu andei várias partes de viagem no encontro, na reunião. Até, inclusive, encontramos com o presidente, deputados, vários políticos. Um dia cheguei no escritório do \_\_\_\_\_ (37:10) e eu comentei de onde que eu \_\_\_\_\_ (37:14), daí ele falou assim: “Você não quer ver a sua história?” “Eu quero” Daí ele tira tudo a papelada que eles guardaram ali, a história de Jacutinga. Aí eu catei, aquela época não tinha pen drive ainda, tinha CD e eu falei pra ele, pra poder botar no CD, pra poder trazer pra casa. É só pra lembrança. Nem pensava que vou usar. Daí um dia chegaram nesse momento pra nós aí pra poder entrar na Comissão da Verdade, aí que eu fiquei feliz, porque já tenho tudo, não precisa nem buscar mais.

(38:05) P2 – Simão, então, na verdade, você está falando que você se preparou, se identificou como um líder já mais velho, a partir dos trinta anos, atuando na Comissão Nacional da Verdade, encontro com o presidente, muita atuação. A gente vai chegar um pouco mais nisso, mas eu queria poder entender um pouquinho mais esse período que você diz que é antes de você estudar, na verdade, criar outra visão do que estava acontecendo, porque a gente estava perguntando o que o tiramois... você é diferente dos tiramois daquele tempo porque você, hoje, é um líder preparado, mas quando você era um jovem e foi deslocado, despejado e os tiramois não tinham o mesmo preparo, a mesma visão, o que aconteceu com a luta, naquele momento que você voltou, viu a usina modificando a paisagem da sua comunidade e como você foi percebendo essa luta, na verdade, quando você estava jovem? Você já tinha conhecido o \_\_\_\_\_ (39:20)? Que pessoas foram importantes pra sua visão, assim, dessa luta?

R1 – Na verdade, como eu falei: naquela época indígena meio isolado, mesmo assim pensava pra ganhar seu direito, como era o tamanho da nossa aldeia. Como eu falei essa não é a nossa cultura, porque a cultura nossa é quase o mundo inteiro, quer dizer, um pedaço, por exemplo: aqui na costa oeste é tudo nosso. A gente não tem mais um pedaço que presta aqui, não tem mais um bichinho meu, alguma coisa, tem que se afastar mais um pouco, buscar de novo melhoria e, por essa razão, a gente não tem essa visão, pra dizer que... eu vou me preparar pra lutar, pra mandar fazer essa demarcação, porque aquela época não tinha essa visão, esse preparo, nem tiramois, nem \_\_\_\_\_ (40:43) mais velho tem esse pensamento, não: “Esse pedaço vamos falar pro juruá pra deixar pra nós”. Porque igual um passarinho cria seu ninho ali, assim que se criou, já começa a mudar de novo e assim também o povo indígena. Eu me preparei por causa dessa situação, de um lá dizendo: “Não, indígena é muito vagabundo, não quer trabalhar”. Claro que o indígena não é pra ser agricultor assim, grande fazendeiro. Nós somos caçadores. Não é esse imenso de roça de trigo, de soja, como hoje. Nós somos caçadores. A gente, quando tem fruta, a gente \_\_\_\_\_ (41:40) no mato pra caçar. Não precisa plantar. A gente é caçador. A gente é coletador. A gente entra no mato, sabemos época de fruta, de peixe, de bicho, de mel, a gente entra pra caçar. O indígena puro, não é mestiçado, que \_\_\_\_\_ (42:05). A gente não é pra criar uma grande lavoura, com trator, com maquinário, derrubar, arrancar tudo, que essa coisa é. A gente é preservador, preserva. Assim que os tiramois, antigamente, pensavam. Não desmatar muito, que não presta mais, aquele negócio que sempre plantava, começa a mudar pra outro lugar. Deixar pelo menos um período, um ano, dois anos, assim que volta de novo, já vira de novo aquele mato com fruta e não pensava, naquela época, como eu falei, pra mandar demarcar. Vamos botar aquele marco ali e também vamos botar o nome na nossa aldeia. Não é assim que funciona. E hoje que a gente tem que descobrir como vamos nos defender e como \_\_\_\_\_ (43:02) ainda. Imagina com esse nosso governo Bolsonaro! Como nós vamos desviar esse caminho dele, pra não pisar em cima dele. É tudo muito bom. Que pena que eu não sou estudioso, mas eu me preparei, graças a Deus, com um pouquinho, mínimo de estudo. Pelo menos nem sei falar português. E, como eu falei, obrigado falei porque tem meu parente pelo menos entender alguma coisa. Se fosse a minha língua, ixi, tem várias coisas mais que eu posso contar, posso comentar, mas essa minha língua não é... é por necessário mesmo e assim também naquela época os tiramois não tinham essa visão, como eu falei, vou repetir de novo, porque não tem outra \_\_\_\_\_ (44:06), o tiramois não tinha essa visão pra dizer pro juruá: “Não, esse é nosso território”. Hoje nós estamos brigando. Jacutinga tem sete \_\_\_\_\_ (44:17) ficou embaixo da água. E hoje que estamos pensando pra resgatar, recuperar, trazer de volta, não tem como, porque está embaixo da água. Os tiramois não estavam pensando naquela época assim: “Puxa vida, minha família estava lá, morava lá”. Naquela época o rio, alguém que morava lá que se chama aldeia, botou o nome da aldeia. Por exemplo: \_\_\_\_\_ (44:48) morava aquela época, eu que morava, Simão que morava aquela época e assim que era o nome da aldeia, não é como hoje. É difícil você entender. Por isso que eu falei: com duas horas, com três horas é difícil.

(45:12) P1 – Não, a gente está entendendo, estamos entendendo mesmo. Está muito boa a sua fala.

R1- Como sempre eu falei com universitário ou antropólogo: “Um dia você não vai entender. Você tem que conviver, pra poder entender, junto conosco”. Eu convivo com vocês, por isso que eu aprendi um pouco. Não aprendi tudo, mas pelo menos eu convivi com juruá, vendo o que ele está mexendo. Até agora, pelo menos, já sei escrever, já sei mandar mensagem, já sei fazer alguma coisinha, já sei mexer em internet, o que é internet, o que é wi fi, já sei. Mas pra isso eu tenho que conviver com ele. E o juruá quer entender a cultura, o que aconteceu daquela época, chega, tem que chegar e mostrar tudo, porque somente aquela era \_\_\_\_\_ (46:12), assim aconteceu. Agora que me acostumei um pouquinho também conversar, assim, pela internet. E eu nunca me acostumei assim, porque eu estava pensando que eu estava falando sozinho. É bom a gente tomar o tereré, conversar e o outro rir, o outro já começa a contar causo e eu, um dia, vou me acostumar pensar que eu estou na internet todo dia e fala sozinho. (risos) Ainda não me acostumei, mas agora estou mais ou menos me acostumando. Todo mundo de longe, conversa sozinho. Pra entender melhor, tim por tim, tem que estar aqui, presente, mostrar o que aconteceu.

(47:04) P1 – Simão, só te falando que, por nós, a gente adoraria estar aí acendendo um petykoó (petengua), tomando mate aí, com certeza. A gente só está fazendo on line, assim, por causa da pandemia. Mas a gente mesmo conhece os guaranis, morou com os guaranis, a gente admira muito a cultura e era nisso que eu queria perguntar pra você, justamente nessa visão da cultura, assim, qual era a relação de vocês com o rio. E o que vocês acharam de fazer uma usina no rio, meter uma máquina dentro do rio. Como é que vocês viram isso?

R1 – Na verdade, o rio, pra nós, não é só para o guarani, é pra tudo. Essa é a vida: ar, água, terra, mato, sombra, tudo. É a vida. E até, inclusive, no rio tem alimento. Sem água, peixe não vive. Agora não tem mais água boa. Tem um programa, um projeto que Itaipu criou, que se chama Água Boa, mas está mentindo. Só pra capturar recursos. Água boa é onde não tem veneno, não tem nada, poluição. Essa é a água boa. E hoje

não existe mais água boa. Então, o rio, hoje em dia, está todo poluído. Até, inclusive, se a gente beber hoje água natural dá diarreia, dor de estômago, ânsia de vômito, alguma coisa, porque não é mais natural. Água corrente era, na minha infância, saudável e hoje não. E o rio, depende, tem alimento \_\_\_\_\_ (49:18) pra beber. Essa é a vida pra todos nós, não é só para o guarani, não é só para os índios. É a vida. Eu estou até, inclusive, \_\_\_\_\_ (49:37) juruá está vendendo água. É natural, é de Deus. Ele não vendeu pra ninguém. E juruá está vendendo.

(49:56) P1 – Simão, e nessa época, ainda quando você chegou lá, com 14 anos, andando, viu que estava cheio, foi pra uma outra aldeia, você tem relatos, assim, seus ou de outros parentes, de receber ameaça de militar, receber, às vezes, ataques de militares? Ou não? Como é que era isso?

R1 – Conosco não aconteceu isso, por isso que eu falei já meio estrategicamente que nos levaram por engano. Estrategicamente, em vez de nos assustar, já veio antes da aldeia, por exemplo, o Parque Nacional, que foi tirado, tiraram à força e a antiga gleba guarani, colônia guarani já tiraram na marra. Eu não vi, eu não posso mentir, eu estou trabalhando na Comissão da Verdade e eu tenho que buscar, com essa época de susto, vamos dizer, massacre, quase não existe mais. Já não vive mais, já morreu. E nós já fomos levados pela estratégica, usou estratégica pra não assustar criança, nem mulheres. Vieram com caminhonete, oferecendo tal, tal, tal, tal, tal, tal, gratuito e tal. E sabe que até hoje, guarani, se você oferecer pra ele: “Tem festinha, não quer aproveitar, vai ter bolo”, essa coisa, ele não vai pensar que tem alguma coisa errada. Claro que não. Até pra mim, se você, eu não te conheço e nem você eu e falar: “Simão, vou levar uma mala de roupa pra você”. Claro que vou esperar que você vai trazer. E assim, foi assim. Só que hoje em dia já é mais esperto, não é mais assim, que vai cair na boca da gaiola. Mas antigamente não, né? Porque a pergunta sua eu não cheguei a ver, chegar militar atropelando, com fuzil, alguma coisa, eu não vi. A minha família já foi tirada de outra maneira.

(52:43) P2 – Quer dizer, Simão, a violência que aconteceu, aconteceu como essa armadilha, de tirar vocês da terra, enganando. Mas você não lembra, não pode contar aqui, um pouco pra gente, de algum tipo de violência direta contra você ou contra alguém da sua família? Teve violência direta também contra algum parente seu, dessa época?

R1 – É isso que eu falei: várias famílias, por medo, não sei como chegou a esse medo e alguns, antes de assustar a família dele, já começa a levar a família longe daquela aldeia, levar pro Paraguai, pra Argentina ou pra São Paulo. Até minha família agora está toda pra São Paulo. Depois de Nova Laranjeira, foi pra lá. Tem outro parente que saiu antes, não assim por ameaça de morte, mas dizendo pra ele: “Se você ficar aí vai morrer por causa de afogamento, essa coisa aí”. Então, ameaça. Não sei como eles se sentiram e, em vez de ficar se arriscando, saíram, foram embora. E esse grupinho do Fernando ficou, porque ficou encurralado. Não tem saída, pra onde que eles vão? Que daí veio a Funai, fizeram um levantamento, como eu falei, aqui se usa três idiomas: \_\_\_\_\_ (54:37), paraguaio, português e castelhano. São quatro, mais ou menos. Então, entre nós aqui, a gente usa idioma paraguaio. Entre nós aqui, nesse momento, a gente usa idioma paraguaio: \_\_\_\_\_ (54:55) idioma paraguaio. Não é como o idioma \_\_\_\_\_ (55:06). A gente se acostuma porque dia a dia a gente conversa assim. Daí veio antropólogo da Funai dizendo que ali em Jacutinga não existe indígena, ali é tudo paraguaio. Aí que veio outra liderança, passou esse problema no ouvido do \_\_\_\_\_ (55:36) trouxe a liderança guarani, que já conhece mais um pouco a realidade, como é que convive com juruá, o que é a liderança. E daí eles vieram pro Mato Grosso, (Final Marçal? 55:58), não sei se você chegou a conhecer a história dele, veio o Capitão \_\_\_\_\_ (56:09), vários lugares. Veio de São Paulo, do Tariri, Antônio Branco, vários lugares o \_\_\_\_\_ (56:22) trouxe. \_\_\_\_\_ (56:23) e daí o tiramoi \_\_\_\_\_ (56:30) ali e acharam o Fernando \_\_\_\_\_ (56:36). O Fernando Branco é liderança bem forte. Então, eles conversaram. Aí já não vi mais, porque já saí. Conversaram com o pessoal do Itaipu, pra não levantar água, se não for dar um pedaço de terra pro guarani. Senão, vai pra Justiça. Não ameaçou, avisou. Então, Fernando Branco, Antônio Branco deixou claro pra ele: esse não é animal, esse é nosso povo. Assim que você percebe, você vai ficar emocionado e vai acontecer alguma coisa. E graças a Deus ele ganhou esse pedacinho. Deixa eu ver se eu consegui, aqui. Antônio Branco da Silva, que veio cacique do Tariri, assegurou esse \_\_\_\_\_ (57:46), pra poder Itaipu dar esse pedacinho que nós estamos, atual, agora. E o Fernando não saiu por causa que ficou encurralado com a família, com a nova família. Aquele que saiu antes, foram embora. E o Fernando ficou, porque não quer deixar a família, não tem pra onde levar. Por isso que ele ficou. E graças a Deus ele é o primeiro lutador, primeiro cacique que conheceu a luta, o que é a luta, como a gente tem que fazer a luta, o que podemos fazer pra conseguir o nosso direito. Eles nos ensinaram, onde conseguiu entender, como tem que gritar com o juruá, pra ganhar nosso direito, porque eles conheceram essa luta na prática, no susto e graças a Deus conseguiram. Ninguém ensinou, ele ganhou na prática. Ele tomou coragem, não saíram da aldeia, até ele conseguir esse pedacinho onde nós estamos vivendo hoje.

(59:08) P1 – Então, a terra que vocês estão vivendo hoje não foi dada por Itaipu? Foi essa luta de vocês que conseguiu?

R1 – Sim. Na verdade, não é Itaipu que deu, é na marra, porque já está pra subir a água, pra fechar a usina. Então, é obrigado, o povo tem que deslocar de qualquer maneira, pra qualquer lugar. E também ele não quer comprar terra, então ele deu esse pedaço da reserva indígena. Não é que deu, é provisório. Só que acaba, até agora estamos vivendo aqui. Esse homem aqui veio com a mulher dele, o Antônio Branco da Silva, que brigou junto com Itaipu, pra poder dar esse pedaço de terra.

(01:00:10) P2 – Levanta um pouquinho, pra ver a foto. Mas essa liderança, Antônio Branco, era dessa região também?

R1 – Não. Ele é de São Paulo. Essas lideranças vieram junto com Jussara, com \_\_\_\_\_ (01:00:39), trouxeram várias lideranças pra poder defender Fernando, porque já está encurralado. Não tem saída, pra onde que ele vai. Não tem mais pra passar pro Paraguai, pra Argentina, ficou ali. Daí Jussara, \_\_\_\_\_ (01:00:53), trouxeram várias lideranças, pra poder defender.

(01:01:00) P2 – Você conheceu a Jussara, como ela chama?

R1 – É Jussara. O sobrenome eu não sei. Jussara eu conheço pessoalmente, andava junto com esse tiramoi, \_\_\_\_\_ (01:01:18).

(01:01:20) P2 – Foi o \_\_\_\_\_ (01:01:21) também que trouxe o Marçal Tupã'i, kaiowá? Eles também trouxeram?

R1 – Sim. Mateguaçu.

(01:01:30) P2 – Aí aconteceu aí o Mateguaçu?

R1 – É. Na verdade, o Marçal era advogado. Então, ele tem mais poder, pra poder discutir \_\_\_\_\_ (01:01:49). Ele é advogado guarani. Graças a Deus, ele ajudou bastante. E o \_\_\_\_\_ (01:01:58) tem recurso pra trazer liderança, pra deslocar liderança, pra pagar pedágio, várias. Então, ele que trouxe a liderança, se realmente não existe indígena pra ver. Daí ele vem, descobriram que indígena estão aí.

(01:02:22) P2 – Você viu, você conheceu o Marçal?

R1 – Não. Pessoalmente, não. Só pela foto.

(01:02:36) P1 – E como é que era a relação com a Funai, nessa época? Você lembra se a Funai ia falar com vocês ou vocês iam atrás da Funai? Como é que era isso?

R1 – Na verdade, deveria proteção, nos proteger. Só que acaba, até agora, até hoje, não é nada. Eles são apenas uma ONG de \_\_\_\_\_

(01:03:07) que não defende ninguém. Eu acreditava. Qualquer coisa: “Tem que chamar Funai, tem que ver o lado da Funai”. Aí eu vim descobrindo que ele não faz nada. Até, inclusive, pode fazer contra.

(01:03:37) P1 – E aí, Simão, voltando lá pra sua vida ali, que você foi morar no Paraguai, depois que você voltou a pé pra sua casa, foi passar com o tiramoi e foi lá pro Paraguai e aí, o que aconteceu na sua vida?

R1 – Na verdade, eu fui visitar todos os parentes enquanto estão vivos, daí passei trabalhando por aí, tinha mais idade, 18 anos, fui trabalhando assim, aqui nessa região chama por dia. (risos) Trabalhando por dia, na empreita, assim, me virando. Daí passei pra Argentina, morei no trabalho, assim, trabalhar por aí, cortando erva. Em 1997 voltei de novo pra cá.

(01:04:52) P1 – Como é que foi morar lá na Argentina?

R1 – Na Argentina morei três anos. Não é na aldeia, assim. Eu passei no trabalho, no bico, no mato, catando erva.

(01:05:10) P1 – Simão, qual que você acha que era a diferença de morar com os guaranis, o seu povo e morar já fora, que você falou que morou com juruá, né? O que você acha que era diferente no mundo do juruá, assim? Qual foi sua visão, quando você foi morar nesse mundo do juruá?

R1 – Eu não acho diferença. Pelo menos pra mim, não acho diferença. O que a gente não tem é autonomia, né, pra fazer nada. Vive peão.

(01:05:57) P1 – Simão, me conta um pouquinho como foi que você se interessou a participar da luta? Porque você é uma pessoa que tem uma trajetória de luta, né, política, acho que você já falou um pouquinho, mas como foi que bateu na sua cabeça e falou assim: “Não, eu tenho que fazer alguma coisa pelo meu povo”? Qual foi esse momento, que você pensou assim: “Não, eu vou fazer alguma coisa”?

R1 – Isso foi em 1998. Em 1997 eu voltei, em 1998 passei por aqui na aldeia. Na verdade, assim: eu me lembrei da época de uma antiga liderança, como é que tem que ser a convivência do povo e daí, quando eu voltei não é assim, já está tudo diferente. E daí eu pensei, conversei com o parceiro, vamos dizer assim, agora ele mudou pra outra aldeia e eu conversei com o Pedro, com o Teodoro, com outro Teodoro, com o finado Gregório, que nossa aldeia não deveria acontecer isso, não tem que ser assim, mas hoje está tudo quebrado, o que a gente pode fazer? Acabou mato, não tem mais lenha, não tem mais nada. E o meu interesse é correr atrás, pelo menos, da construção da casa. Assim comecei conversando com meu parente, que meu interesse é fazer isso, trazer alguma estrutura, porque não tem mais matéria-prima pra fazer. Antigo cacique dizendo pra não derrubar mato, pra não acabar com o mato, mas acabou, e agora? Como é que nós vamos fazer nossa casinha? Aí que comecei, assim pensando na estrutura, na benfeitoria pra aldeia. Desse momento que comecei pensar, pra fazer alguma coisa com meu parente. E também não tenho estudo, eu tenho que me virar de toda maneira, manda escrever alguma coisa, assim, eu estou vendo que ninguém quer me ajudar, então eu fui pra escola, depois de trinta anos eu fui pra escola. Aquela época se chama escola, cerveja, (risos) que foi à noite. Estudei, passei pelo menos oitava e, com isso aí, até hoje eu estou fazendo alguma coisa. Não é grande coisa, mas pelo menos fiz.

(01:09:10) P2 – Simão, antes de você decidir voltar pra aldeia, pra estudar, você falou que passou muito tempo, três anos trabalhando na Argentina. Você também passou tempo morando, vivendo no Paraguai, trabalhando?

R1 – Na verdade, assim: quando eu voltei da Laranjeira, eu passei aqui na nova aldeia, depois avisei minha mãe, meu parente, onde que eu estou indo agora. Daí eu fui pro Paraguai primeiro, morei, visitei todos meus parentes, daí eu passei trabalhando, fazendo tudo as coisas. A questão da roça, assim, trabalhar manual pode deixar comigo que eu faço, mas hoje não, eu já estou idoso, já não tem mais essa hipótese. (risos) Machado, com foice, enxada pode deixar comigo, mas hoje já está meio esgalepado, não tem mais força. Mas eu trabalhava, daí morei algum tempo no Paraguai, daí eu passei pra Argentina, tenho outro parente lá, daí eu visitei lá, enquanto isso passei trabalhando, cortando erva. Daí eu pensei em voltar de novo pra aldeia, daí vim de novo. Aí comecei a levantar a bandeira, vamos dizer assim, da luta, mesmo.

(01:11:08) P2 – E aí, voltando e assumindo essa bandeira, se tornando essa liderança, mais estudado, você já contou pra gente que você participou da Comissão Nacional da Verdade. Como foi essa aproximação? O pessoal te chamou pra participar? Como começou essa conversa sobre a Comissão Nacional da Verdade?

R1 – Na verdade, assim: nós fizemos vários trabalhos junto com a liderança, cheio de história antropológica e tal, daí o que está acontecendo? Demorou nossa luta, qualquer coisa, pra ser ouvida. Demorou muito pra ser aprovado alguma coisa. E eu nem estava pensando também que vou entrar nessa parte. Daí vieram outros pedidos pela \_\_\_\_\_ (01:12:16), o Doutor Clóvis nos chamou e quem é mais antigo, pra poder contar história real. Daí o Clóvis comentou como que vai funcionar, o que eles vão fazer agora, o que eles vão comentar agora, o que eles vão buscar agora. E tem que ser a verdade. Tem que contar a verdade. Aí eu e tem vários companheiros, eu que mais vivo um pouquinho, (risos) eu que falo mais alguma coisinha, então me posicionei, pra poder catar essa memória, aí que nós vamos deixar registrado, porque nunca a história do índio, qualquer índio, não tem registrado. Então, da comissão nacional passou pra estadual, a estadual deu chance pra poder participar. O estado deixou um caminho pra nós, pra poder comentar a nossa realidade. Aí nós entramos em quatro, mas no meio dos quatro eu sozinho trabalhando, mesmo assim eu estou resistindo, estou trabalhando sempre, estou sempre avaliando nosso trabalho, o que está acontecendo, o que não aconteceu ainda, porque a gente vai encaminhar mais, o que podemos encaminhar pelo jurídico, várias coisas.

(01:14:16) P2 – Então, na verdade, era você e mais outras quatro pessoas, mas você foi a pessoa...

R1 – Mais três.

(01:14:23) P2 – Mais três pessoas. Eu queria saber como foi participar de uma organização assim, que tem um objetivo, inclusive, jurídico, de afirmar esses direitos que são tão violados, que você contou pra gente e como foi o processo de você trazer essas verdades sobre a história do seu povo, a história indígena avá-guarani, que não é reconhecida, não é contada? Como foi esse processo e se deu algum tipo de resultado ou ainda se espera algum tipo de resultado, assim, inclusive jurídico, atualmente?

R1 – Na verdade, hoje já vem algum resultado, reconhecimento dos direitos do povo indígena. Já tem algum. Não é grande coisa ainda, mas já está por dentro, vamos dizer assim. Já está reconhecido nosso direito. Por causa da pandemia não aconteceu muita coisa ainda, estava pra acontecer, aí veio essa pandemia, aí parou tudo de novo. E também eu não posso mentir, porque durante quatro anos, cinco anos, esse governo, quando estava fazendo essa política pra liderar o Brasil, já prometeram que não vão dar nem mínima coisa pra indígena. Então, durante essa parte também nós sofremos, mesmo que a gente ganhou nosso direito. Enquanto esse governante Bolsonaro, não vai acontecer quase nada. A gente, eu, pelo menos, não tenho esperança. Vamos ver a próxima eleição, o que vai acontecer. E não pode ficar assim, tudo parado, massacrado, nesse Brasil. Não é só povo indígena que está sofrendo, todos os brasileiros estão massacrados. E nunca vi desse jeito, assim. Mesmo que o governo ruim, mas se a gente souber usar política, a gente consegue, mas nesse momento a gente não consegue. O que a gente vai... você vê: \_\_\_\_\_ (01:17:29) tudo, pra todo mundo. O que o governo Bolsonaro fez? Auxílio. Nem dá pra comprar bala doce pra criança. Dizendo que ele está ajudando o povo, tal. Ajuda nada! Enquanto isso, mesmo que a gente tem nosso direito, pra acontecer, a gente tem que levar paciência, por isso que eu falei: tem que levar a paciência e saber usar a política. Senão, nós que vamos sair prejudicados. Tem que saber usar. Por exemplo: agora, entrevista, fazendo algum trabalho, tem que ser usado e valorizado e fazer alguma coisa. Por exemplo: aqui na costa oeste nós temos já

alguma coisa pra acontecer, só que com esse governo, é difícil. Graças a esse grupo de trabalho, não sou só eu, todo o grupo, a tríplice fronteira, por exemplo do Paraguai, da Argentina, costa oeste, toda a liderança, jovens, xamãs, \_\_\_\_\_ (01:18:56), rezadores, todo mundo se reuniu, pra poder fazer esse trabalho. Daí mandaram juridicamente, pra poder acontecer alguma coisa. Trabalho muito difícil. Eu, como não sou estudante, estudioso, não sei escrever, pra mim é difícil, mas eu tenho esperança que vai acontecer.

(01:19:30) P1 – E nessa parte jurídica que você falou, como foi na época da construção da usina, um pouco mais tarde? Como era recebido o processo de vocês? Vocês tentaram alguma coisa, vocês eram bem recebidos pelo juiz, dava certo, não dava?

R1 – Era. Olha, eu, na verdade, não tenho tanta sabedoria dessa parte, mas assim que Itaipu, vendo que indígena acho que não vai sair mesmo, acho que foram intitulados quatro indígenas, um título assim, da terra, que não deveria acontecer, pra dizer que são eles que estão recebendo recursos, indenização, porque nós pagamos tudo já pra eles. O pessoal está mentindo. Quatro pessoas foram intituladas, deu título pra eles, que não deveria acontecer, mas acaba que, depois que entrar a Comissão da Verdade, descobrindo tudo que está acontecendo. Depois que a gente trabalhando, resgatando toda a papelada, de todo canto, a gente descobriu que é tudo falso, mas foi registrado assim. Não é por nada, só pra enganar.

(01:21:18) P1 – O que você descobriu, de mais importante, na Comissão da Verdade?

R1 – Nós descobrimos na Comissão da Verdade que nosso direito, vamos dizer que nossa terra, mais de 32 - se não me engano - aldeias ficaram embaixo da água. E esse Itaipu nem dizendo nada pra nós, nem a Funai. Mas depois que a gente levantou todos os laudos antropológicos, resgatamos os mais velhos, perguntamos pros mais velhos onde vivia naquela época, como é que chamavam aquele rio, quantas famílias moravam, quantos anos moravam lá, por aí a gente descobriu mais de 32 aldeias embaixo da água e esse a gente está correndo atrás, ver se a gente, pelo menos indenização pra gente ganhar. Mas com esse governo é difícil, né? (risos)

(01:22:34) P1 – Bom, Simão, a gente já está se encaminhando também pro final, \_\_\_\_\_ (01:22:38) se quiser perguntar mais alguma coisa, eu queria perguntar se teve mais alguma coisa na sua trajetória de luta, de vida, que você não falou pra gente hoje, que você acha que é legal falar e deixar registrado.

R1 – Bastante coisa. Muita coisa. Muita, mesmo. Como eu falei: depende a pergunta. Aqui, quando eu voltei de novo, tem várias coisas que correr atrás, né? Benefício. Por exemplo: hoje nós estamos aqui embaixo da escola, do colégio, corri atrás. Não sei se um parente aí lembra bem como era a Funai, acabou e passou todos os projetos que ele tinha pra cada setor, aí a Saúde passou pro Projeto Rondon, veio visitar e tal, eu acompanhei \_\_\_\_\_ (01:23:58), corri atrás de Saúde, buscando recurso, como a gente vai mandar atendimento pra aldeia, estrutura pra aldeia. Mesmo que eu não sou estudioso, corri atrás da Educação, buscamos o colégio pra aldeia. A escola era municipal, vai passar pro estado, como que a gente fez tudo. A liderança se reuniu no Paraná, não é só \_\_\_\_\_ (01:24:38), todo Paraná se reuniu pra poder trazer mais educação para o rio. Graças a Deus, hoje em dia, aqui, dentro da aldeia se formou, toda a família do guarani e do \_\_\_\_\_ (01:24:54), a própria aldeia tem estrutura do primeiro ao último grau, vamos dizer assim. Daqui sai pra universidade, fazer curso e graças a Deus até minha família já tem três. Luís Carlos mais estuda. Eu que estou, como eu falei, mal e mal aprendi português, pelo menos já fiz a minha parte pra geração.

(01:25:38) P2 – Então, Simão, a gente vai ter que concluir aqui o nosso ciclo, que eu acho que seria muito mais proveitoso mesmo se a gente pudesse estar aí com você, na sua aldeia, conversando, mas a gente está fazendo o que pode também nesse momento, assim. Queria perguntar: você falou assim da geração dos seus pais, dos seus avós, dos tiramois. O que você espera que seus filhos, essa geração que está chegando agora continue lutando, seguindo? O que você sonha pra geração futura do povo avá-guarani?

R1 – Olha, na verdade, hoje em dia, só uma menina tem 17 anos, já vai completar 18 anos, está interessando em entrar de novo no meu caminho, vamos dizer, fazer um trabalho social. E cada uma tem que se sentir como pode, porque hoje em dia, já que não tem mais como sobreviver, cada uma pega sua direção. Por exemplo: minha filha não pensa mais o que vai fazer pro governo. Ela se vê pegando essa vaga de ser professora. Eu não estou falando mal da gente. Já pensa mais do lado dela, que pensa defender quem não sabe se defender sozinho. Pensa mais no dinheiro, do que defender mais o parente. Tem um meu filho que fala: “Um dia eu vou estudar tudo, mas eu vou defender meu povo”. Tomara que seja assim! Hoje em dia não pensa mais pra defender. Pensa mais no dinheiro, porque não tem como sobreviver de outra maneira. Eu mesmo, me interessa dinheiro, só que não tenho estudo, tenho que defender do jeito que pode. (risos) Se fosse algum doutorado, vou pra aqui, vou pra ali, no escritório, esperando meu trabalho. (risos) Já que não é, eu prefiro mais ficar sem estudo, pra poder pensar e defender. Quem já é estudioso, já pensa diferente.

(01:18:28) P1 – Simão, então, pra concluir mesmo, eu queria te agradecer mesmo, sabe, de verdade, do fundo do coração, pessoalmente, por você ter feito... em nome do Museu também e do Armazém da Memória, por você ter dado essa atenção pra gente, ter vindo aqui ficar na frente de um computador. Eu gostaria muito que tivesse ido pessoalmente, mas a pandemia que faz com que seja assim e eu queria perguntar o que você achou de contar a sua história, um pouquinho da sua história hoje, aqui, pra gente?

R1 – É, deixar registrado, assim, que eu não vivo mais, se perguntar: “Procura a história do Simão”. (risos) Vai achar em qualquer lugar, graças a Deus. E eu deixo pra você também, que me procurou, tem outro historiador também, mas foi escolhido eu, então eu agradeço também pra vocês essa minha entrevista, meu depoimento, vamos dizer assim, como é que aconteceu, o que aconteceu com o povo avá-guarani, como é que foi sofrido, como é que aumentou hoje, como é o tamanho da nossa aldeia hoje. Nossa aldeia é muito pequena e a gente precisa mais espaço. Isso é que eu reclamo pra todo mundo, não é só pra uma só. Eu quero que o governo que tem coração bom ouça nossa reclamação. E eu que agradeço pra vocês. Nhanderú fica com vocês, todo mundo.

(01:30:22) P1 – Queria falar, então, aproveitar, deixar essa mensagem: o que você espera hoje? O que vocês querem hoje? Quais são as suas reivindicações?

R1 – Mais espaço, mais terra pra nós. Já tem uma esperança da demarcação ou indenização pra gente ter mais espaço. Aqui não tem mais. Aqui é 231, mais de mil pessoas nesse momento, nessa aldeia. Duzentos e trinta e um hectares, mais de mil pessoas. A gente precisa mais é nosso espaço, pra suportar mais os nossos parentes. Deixar mais, um pouquinho, tomar ar. Nós que somos sem-terra. Tem algum dizendo que é sem-terra, mas nós que estamos aqui, pelo menos, sem-terra. Aqui não tem espaço, mais, pra gente plantar nada.

(01:31:47) P2 – Simão, você quer deixar essa mensagem, na sua língua guarani? Você quer deixar uma mensagem assim também? Pode falar em guarani. Depois a gente pode procurar alguém pra legendar, pra traduzir, mas aí também fica a sua palavra, na sua língua materna.

R1 – Tá.

(01:32:09 a 01:33:55 em guarani)

Muito obrigado!

(01:34:01) P2 - \_\_\_\_\_ (01:34:01). Simão, você quer repetir essa mensagem final?

R1 – (01:34:08 a 01:35:57 em guarani)  
(01.36.02) P1 – Aweté!